



Academia Militar



***BIOGRAFIA DO TENENTE-GENERAL
ANTÓNIO DA COSTA E SILVA (1782-1856)
1º VISCONDE DE OVAR***

***PATRONO DO CURSO DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR
NO ANO LECTIVO 2009/2010***

TCor de Art^a Pedro Marquês de Sousa
Academia Militar, Setembro de 2009

Introdução

A vida e a carreira militar do Tenente-General António da Costa e Silva, 1º Visconde de Ovar, será uma referência para os Cadetes-Alunos que ingressam na Academia Militar no ano lectivo 2009-2010, curso para o qual foi designado como Patrono.

Além das virtudes militares demonstradas em combate durante a Guerra Peninsular e nas Guerras Civis, onde foi ferido diversas vezes, António da Costa e Silva distinguiu-se também como um comandante exemplar, pela sua competência técnica, sentido de responsabilidade e pelo seu exemplo de ética, coerência e lealdade aos valores em que acreditava. Durante o cerco do Porto em 1832, combateu ao lado de Bernardo de Sá Nogueira, o Marquês de Sá da Bandeira, fundador da Academia Militar, quando este perdeu o braço após ter sido ferido em combate.

Lutou pela afirmação do Liberalismo, sofrendo o exílio e depois as dificuldades da guerra, mas nunca se envolveu na luta política partidária, tendo recusado vários convites para assumir funções políticas. Demonstrando uma excepcional formação humana e militar, numa época de grande instabilidade política e social, a sua alma de soldado deu um exemplo de humildade e espírito de serviço de forma verdadeiramente desinteressada.

O Início da carreira militar

António do Nascimento da Costa e Silva nasceu em Ovar em 25 de Dezembro de 1782, era filho de José da Costa e Silva e de D. Leandra Pereira Ramos¹. Depois de ter frequentado o curso de Direito na Universidade de Coimbra entre 1798 e 1801, onde estudou latim, francês, filosofia e retórica, iniciou a sua carreira militar no Regimento de Artilharia da Corte², onde assentou praça no dia 10 de Setembro de 1801. Ingressou na arma de Artilharia, frequentou a Academia de Marinha e estudou fortificação e desenho na Aula do Regimento de Artilharia nº 1. Logo no início da sua carreira, as suas qualidades foram notadas pelo seu comandante, o Coronel António Teixeira Rebelo, quando este estava a criar o colégio militar onde António da Costa e Silva foi professor de gramática portuguesa a convite de Teixeira Rebelo³. O jovem oficial que se veio também a distinguir na Guerra Peninsular defendendo Portugal das invasões francesas, foi promovido a 2º Tenente em 1805 e a 1º Tenente em 1807 no período em que se sentia a iminência da invasão francesa.

¹ Processo Individual do TGen António da Costa e Silva – Caixa nº 778 do Arquivo Histórico Militar.

² O Regimento de Artilharia da Corte estava aquartelado no forte de S. Julião da Barra (praia de Carcavelos/Oeiras).

³ Teixeira Rebelo era comandante do Reg. Artº nº 1 (S. Julião da Barra) quando começou a organizar o Colégio Militar nas instalações da “Feitoria” junto ao quartel de S. Julião da Barra (Carcavelos/Oeiras).

Como Tenente e Capitão, António da Costa e Silva participou nos principais combates ocorridos durante as invasões francesas em Portugal, onde fez o seu baptismo de fogo e foi ferido em combate. No Verão de 1807 estava iminente a invasão de Portugal pelas forças francesas comandadas pelo General Jean-Andoche Junot, que já há alguns meses estavam posicionadas em Baiona e acabaram por entrar em Espanha em Outubro e em Portugal no dia 20 de Novembro de 1807.

Durante a 1ª invasão francesa, as revoltas populares e as primeiras operações militares contra os franceses no verão de 1808, mobilizaram também o espírito do jovem Tenente Costa e Silva que em Dezembro de 1808 foi deslocado para Abrantes e depois para Tomar, para integrar as forças militares designadas por “*Exército d’ entre Tejo e Mondego*”, assumindo o comando das tropas de Artilharia que se juntaram em Figueiró dos Vinhos ao Batalhão de Granadeiros da Estremadura.

Durante a 2ª invasão francesa, após as tropas Luso-Britânicas terem reconquistado a cidade do Porto em Maio de 1809 e expulsado os franceses, foi realizada uma importante manobra de perseguição ao invasor que se retirou para Espanha. O Tenente Costa e Silva participou em várias operações contra os franceses em Portugal e em Espanha como comandante da 2ª Brigada de Artilharia volante⁴ do Regimento de Artilharia nº 1 que fazia parte do Exército sob o comando do Marechal William Beresford. Após o sucesso militar das tropas luso britânicas contra as duas invasões francesas em Portugal em 1808 e em 1809, Napoleão considerou que a presença de tropas inglesas em Portugal era uma grande ameaça para a França e decidiu em 1810 realizar uma derradeira tentativa de expulsar os ingleses da Península Ibérica. Durante esta 3ª invasão francesa, o jovem Tenente Costa e Silva participou na Batalha do Buçaco em 27 de Setembro de 1810 onde se destacou como comandante da 2ª Brigada de Artilharia cumprindo com eficácia a missão da artilharia, que era posicionada na frente junto da Infantaria, disparando sobre o avanço das tropas francesas, para permitir depois o contra-ataque dos Atiradores, feito com uma descarga cerrada a curta distância, seguido de uma carga à baioneta.

⁴ Uma Brigada volante de artilharia seria o equivalente a uma Bateria de bocas de fogo na actualidade, era normalmente constituída por 5 peças de 6 ou 9 libras e um obus de 5 ½ polegadas. Era comandada por um Capitão ou um Tenente e tinha cerca de 90 a 100 homens (3 Oficiais, 3 sargentos 7 cabos, 2 tambores e 80 artilheiros).

Apesar de vencidos com grandes perdas nesta batalha, os franceses continuaram o seu avanço para Lisboa até às linhas defensivas de Torres Vedras, nas colinas a norte da capital, onde os franceses foram detidos sem conseguirem atingir Lisboa. Não conseguindo ultrapassar as nossas linhas defensivas de Torres Vedras e sem receber reforços da França, os franceses iniciaram a retirada de Portugal em Abril de 1811. Seguiu-se a perseguição feita pelas forças luso britânicas com uma série de batalhas em território espanhol e francês até à vitória em Toulouse em 1814 que pôs fim à Guerra Peninsular. António da Costa e Silva participou nesta campanha de perseguição dos franceses, destacando-se no bloqueio de Almeida em 9 de Abril de 1811, na Batalha de Fuentes de Oñoro em 5 de Maio de 1811 e no sitio de Ciudad Rodrigo em 19 de Janeiro de 1812 onde foi ferido em combate e louvado pelo Marechal Wellington. Em 21 de Junho de 1812 participou na decisiva Batalha da Vitória, que marca a saída definitiva dos franceses da Península Ibérica e em Agosto do mesmo ano participou ainda no sitio da Praça de S. Sebastião de Biscaia. A sua prestação como comandante de Bateria de montanha do Regimento de Artilharia nº 1, mereceu o louvor do Comandante Geral da Artilharia Anglo Lusa. Depois de ter sido promovido a Capitão, participou já em França na Batalha de Nivelles (10Nov1813) onde a sua acção foi reconhecida, na Batalha do Nive (13Dez1813), na Batalhas de Helleu (14Fev1814), de Orthez(27Fev1814), de Aire (2Mar1814) e na Batalha de Toulouse em 10Abril1814, na qual foi também louvado pelo Comandante da Artilharia do Exército Anglo Luso.

Após a Guerra Peninsular, regressou de França em Agosto de 1814, casou com D. Teresa da Conceição de Oliveira no dia 13 de Agosto de 1814, foi condecorado com a medalha de ouro da Guerra Peninsular (medalha das seis campanhas de 1808 a 1814) e foi colocado em Faro, no Regimento de Artilharia nº 2.

A medalha em ouro, era atribuída aos militares que tivessem participado em 4, 5 ou 6 campanhas e no caso de Costa e Silva a atribuição da Cruz nº 6 era o reconhecimento pela sua participação em todas as campanhas⁵:

1809 - Batalha de Talavera; 1810 - Batalha do Bussaco; 1811 - Batalha de Fuentes de Honor e Batalha de Albuhera; 1812 - Batalha de Ciudad Rodrigo; Batalha de Badajoz e Batalha de Salamanca; 1813 - Batalha de Victoria; Batalha dos Pirinéus; Cerco de San Sebastian; Batalha de Nivelles e Batalha de Nive; 1814 - Batalha de Orthez e Batalha de Toulouse.

⁵ Esta medalha era atribuída aos militares que tinham participado nas campanhas da Guerra Peninsular desde 1809, até 1814. Existia em prata para aqueles que tivessem participado em uma, duas ou três campanhas e em ouro para aqueles que tivessem participado em quatro, cinco ou seis campanhas.

O jovem Tenente António da Costa e Silva foi um dos artilheiros que começaram a criar em Portugal uma nova artilharia de campanha, com a experiência adquirida na Guerra Peninsular e através do contacto com os oficiais estrangeiros. Durante a guerra, o comando das unidades de Artilharia era, inicialmente, entregue a artilheiros estrangeiros (ingleses e alemães) mas depois foram vários os artilheiros portugueses que asseguraram as operações da artilharia de campanha, dos quais se destacam o Tenente-General José António da Rosa (1745-1830), o Marechal de Campo António Teixeira Rebelo (1750-1825), o Coronel João da Cunha Preto (1772-1833) e o Tenente-General António da Costa e Silva (1782-1856).

Em 1815 quando Napoleão abandonou o exílio da ilha de Elba e voltou a França para tentar uma derradeira tentativa de recuperação militar durante o seu reinado de cem dias, as nações europeias voltaram a responder a essa ameaça e foi decidido que Portugal enviaria uma força militar, juntamente com os Ingleses para a Bélgica, para combater novamente os franceses. Assim o Capitão Costa e Silva participou na força que estava a ser preparada para partir, mas a derrota de Napoleão na Batalha de Waterloo em 18 de Junho de 1815 deixou de justificar essa intervenção e o Capitão Costa e Silva regressou ao seu Regimento em Faro. Nesta fase da sua vida enquanto esteve colocado em Faro nasceram três dos seus quatro filhos, em 1817 nasceu a sua filha D. Maria do Céu da Costa, em 1818 o seu filho António Pereira da Costa que viria a ser o 2º Visconde de Ovar e em 1819 nascia José Frederico Pereira da Costa⁶.

A Guerra civil entre Liberais e Absolutistas

Quando se deu a Revolução Liberal em 1820, António Costa e Silva era ainda Capitão no Regimento de Artilharia de Faro mas o seu perfil e o seu idealismo liberal fizeram com que, em representação de todo o exército do Algarve, fosse escolhido para ir a Lisboa, demonstrar o apoio à Junta Suprema do Governo do Reino presidida pelo Coronel António da Silveira, ao lado do qual já tinha combatido contra os franceses.

Em 22 de Junho de 1821 foi promovido a Major continuando no Regimento de Artilharia de Faro até Outubro de 1826, quando foi transferido para o Regimento de Artilharia nº 4 no Porto, ao serviço do qual combateu as forças revoltosas Absolutistas, comandadas pelo Marquês de Chaves.

⁶ Estes dois filhos do TGen António Costa e Silva, foram também oficiais do exército na arma de Artilharia e atingiram o posto de General de Brigada. António Maria P. da Costa, 2º Visconde de Ovar (1818-1881) e José Frederico P. da Costa. Em 1826 nasceu o seu último filho, Francisco Joaquim da Costa e Silva.

Já como Major iria voltar a participar numa nova Guerra, onde veio a demonstrar as suas qualidades como homem e como militar. Nos conflitos entre Liberais e Absolutistas, lutou ao lado dos liberais participando no início de 1827 no Norte de Portugal nos combates da Régua, da Ponte do Prado (junto de Braga em 5-2-1827) e no combate da Ponte de Amarante, impedindo que os Absolutistas marchassem sobre a cidade do Porto.

Em 1828 após a tomada do poder em Lisboa pelos absolutistas de D. Miguel, António da Costa e Silva participou no dia 16 de Maio desse ano na revolta levantada pelo Regimento de Infantaria nº 6 para proclamar a Carta Constitucional e os direitos de D. Maria II. Fez parte do exército que foi organizado em Coimbra para marchar sobre Lisboa e como comandante da artilharia desta força participou na Batalha de Morouços e no Combate do Vouga, mas com a vitória Miguelista em Lisboa, as forças liberais que se encontravam na região do Porto, onde estava Costa e Silva, retiraram-se para a Galiza.

Ausente de Portugal, o Major António da Costa e Silva começava aqui um período difícil da sua vida. Além da Espanha esteve também na Inglaterra juntamente com os resistentes liberais portugueses que em Junho de 1829 embarcaram dali para a ilha Terceira nos Açores, comandados pelo Conde de Vila Flor, mais tarde Duque da Terceira, para organizarem a operação que visava recuperar o poder liberal no continente, afastando D. Miguel.

Chegado aos Açores foi encarregado de organizar o Batalhão de Artilharia de Angra do Heroísmo, que preparou e disciplinou com a sua capacidade técnica e experiência como comandante. Participou na memorável Batalha da ilha da Praia e na Primavera de 1832 foi para a ilha de S. Miguel para integrar a expedição liberal que partiu para o continente e desembarcou na praia do Mindelo a norte do Porto, no dia 8 de Julho de 1832.

Depois de ocuparem a cidade do Porto, os liberais tiveram que se defender das forças absolutistas que da margem sul do Douro pretendiam recuperar a cidade. O Major António Costa e Silva com o entusiasmo que lhe nascia da alma e com a dedicação que é sempre filha da convicção, participou activamente na defesa das linhas do Porto, nos combates de Valongo e na Ponte Ferreira em Julho de 1832, onde foi novamente ferido.

Pela sua brilhante acção nestas operações recebeu o grau de oficial da Ordem da Torre e Espada do Valor, Lealdade e Mérito e foi promovido a Tenente-Coronel. Nestas mesmas operações participou também o seu contemporâneo Bernardo de Sá Nogueira (mais tarde Marquês de Sá da Bandeira e fundador da Academia Militar) que também foi ferido durante o Cerco do Porto, onde perdeu o braço direito⁷. No decorrer da guerra civil durante o ano de 1833 continuou a participar nos combates ocorridos na região do Porto, participando na sortida de Monte Crasto, na tomada de Covelo, em Valongo e no combate da Ariososa em Dezembro de 1833 no qual foi novamente ferido. Neste combate faleceu o Coronel Pacheco, Chefe do Estado Maior da Divisão de operações do Norte e por isso o Coronel Costa e Silva foi nomeado para o substituir como Chefe do Estado-Maior desta Divisão, que veio depois a participar nos decisivos combates de Santo Tirso, de Grijó e na Batalha de Lixa em 2 de Abril de 1834, onde António Costa e Silva, foi novamente ferido.

Na sequência destes acontecimentos foi nomeado Comandante do Regimento de Artilharia nº 1 e foi agraciado com a Comenda da ordem militar de S. Bento de Aviz⁸ em cujo diploma se pode ler:

“Em atenção aos serviços relevantes e assinalados, prestados à causa da Rainha e da pátria, e muito particularmente na heróica defesa da cidade do Porto”

Após o final da Guerra, com a vitória Liberal em 1834, o Coronel Costa e Silva permaneceu como Comandante do Regimento de Artilharia nº 1 e depois de 1836 foi Inspector Geral do Arsenal do Exército. A nova ordem liberal em Portugal começava a registar os primeiros sinais de instabilidade com as disputas entre as duas facções liberais, os Setembristas e os Cartistas. António Costa e Silva não tomava partido pelas diversas facções que se lutavam entre si, sendo fundamentalmente um leal servidor da Rainha. A sua faceta de comandante e combatente, seria novamente posta em prática no dia 13 de Março de 1838 em face da revolta ocorrida em Lisboa contra o governo, levada a cabo pela Guarda Nacional, a qual foi neutralizada por uma Brigada de Infantaria comandada por ele próprio.

⁷ A 8 de Setembro de 1832 os Miguelistas atacaram o reduto da Serra do Pilar, na margem sul do rio Douro. Bernardo de Sá Nogueira comandava as tropas que defenderam energicamente as posições de Vila Nova de Gaia e nesta acção foi ferido no braço direito, que acabou por lhe ser amputado.

⁸ Diploma de 30 de Outubro de 1833.

Em Junho de 1838 recusou o convite que lhe foi feito pelo Visconde de Sá a Bandeira, então ministro da Marinha, para ser Governador de Angola e no ano seguinte não aceitou ocupar um cargo no Governo.

A sua alma de soldado nunca o motivou para os cargos políticos, sacrificando uma carreira que poderia ter tido mais protagonismo, para servir Portugal, apenas como militar. Num clima de grande instabilidade política e social, de conspirações, revoluções e contra-revoluções, a atitude de António Costa e Silva revela também o sentimento generalizado de desencanto face ao mundo da política, sentimento comum também a muitos intelectuais liberais seus contemporâneos, como Alexandre Herculano que registou esse sentimento num artigo de Jornal ⁹:

“ A história política é uma série de desconchavos, de torpezas, de inépcias, de incoerências, ligados por um pensamento constante – o de se enriquecerem os chefes de partido ”.

Como refere Maria de Lourdes Lima dos Santos, sobre os jornais portugueses de oitocentos, *“as várias clientelas e os seus chefes constituíam-se em grupos partidários com contrapostos interesses e diversa doutrina [...] organizando os seus jornais e os seus clubes. Estes clubes políticos funcionavam, segundo parece, sobrepostos às lojas maçónicas, [...] onde os diferentes grupos encontrariam uma espécie de incipiente máquina partidária, [...]”*¹⁰ Nesta mesma obra é reconhecida a curiosa ligação entre o poder dos jornais e da força armada, recordando a ideia do redactor do jornal *“ O Artilheiro ”* em 1835 que referia que *“nos primeiros anos do regime parlamentar, para um homem ser ministro de Estado bastava que um batalhão de mãos dadas com um periódico o quisessem.”*¹¹

A personalidade de António Costa e Silva, tornava-o distinto entre os seus pares, pois apesar do nível hierárquico que tinha na instituição militar, nunca se interessou por cargos políticos, permanecendo apenas no desempenho de funções militares.

Em Abril de 1840 deixou o cargo de Inspector-Geral do Arsenal do Exército para ser nomeado Comandante Geral da Artilharia dando um exemplo de coerência e seriedade que justificou a mercê de Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa, com que a rainha o honrou em 1839 através das palavras do respectivo diploma: *“ Em atenção à maneira distinta e leal, com que se tem havido nos diversos comandos e comissões, de que há sido encarregado, e à integridade e inteligência com que se tem havido na direcção do Arsenal do Exército.”*

⁹ Artigo intitulado *“ os vivos e os mortos ”* do Jornal *“O Pais”* de 29 de Outubro de 1851.

¹⁰ Santos, Maria de Lourdes Lima, *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1988 (3ª parte) p192.

¹¹ Jornal *“O Artilheiro”* nº 16 de 1835

Embora sendo já Inspector do Arsenal do Exército foi nomeado secretamente pelo governo, em Agosto de 1840, para ser comandante de forças militares da guarnição de Lisboa, com a missão de neutralizar qualquer Revolução que ocorresse na capital.

Nesta qualidade actuou com sucesso sem provocar derramamento de sangue, ao neutralizar uma revolta ocorrida na noite de 11 de Agosto de 1840 junto do Arsenal do Exército em Lisboa e no mês seguinte em Setembro, conseguiu também neutralizar a revolta do Batalhão de Infantaria nº 6 em Castelo Branco e na Guarda.

Em reconhecimento pelos seus serviços foi honrado pela Rainha em 1841 com o título de Barão de Ovar, fazendo justiça ao seu passado como regista a redacção do diploma¹²:

“Atendendo a que o Brigadeiro graduado, António da Costa e Silva, Comandante Geral da Artilharia, tem servido a nação por espaço de trinta e nove anos, com muita honra, préstimo e acrisolada lealdade, a que faz com distinção toda a guerra peninsular no exercito de operações, sendo ferido no sitio de Cidade Rodrigo, e tomando parte em todas as campanhas subsequentes, nas quais sempre se portou com valentia e bom desempenho dos comandos que lhe foram confiados, a que por sua fidelidade sofreu os trabalhos da emigração e partilhou da gloria de entrar no numero dos bravos, que desde a Ilha Terceira até ao fim da luta contra a usurpação sustentaram com denodado esforço e repetidas gentilezas de armas a causa de Meu direitos, tendo sido contuso por três vezes durante a referida luta, e atendendo, finalmente, a que o dito Brigadeiro graduado satisfaz cabalmente a muitas e importantes comissões, que lhe hão sido incumbidas, tais como a da organização de diversos corpos, a de chefe do Estado Maior da divisão de operações do norte em 1833, a da Inspecção do Arsenal do Exército, a de frustrar a tentativa dos anarquistas na capital em 11 de Agosto ultimo e a de sufocar a revolta do Batalhão de Infantaria nº 6: Hei por bem, como testemunho da Minha real munificencia, fazer-lhe mercê do titulo de Barão de Ovar [...] “

Entre 1842 e 1844 foi encarregado de inspecionar os regimentos de artilharia e todo o equipamento da artilharia das diversas fortalezas do reino e em Agosto de 1845 foi promovido a Brigadeiro efectivo.

¹² Decreto de 30 de Julho de 1841.

Após a vitória liberal em 1834, Portugal encontrava-se numa situação de grande instabilidade política, dividido entre duas facções liberais, os Setembristas¹³ e os Cartistas¹⁴. O Setembrismo foi a fase do liberalismo português entre 1836 e 1842 e que terminou com a Revolução Cartista de 1842, liderada por Costa Cabral, que pôs em prática o projecto falhado da “belenzada”¹⁵ e da “revolta dos marechais”¹⁶. Costa Cabral, embora tenha sido um dos apoiantes da Revolução de Setembro de 1836, foi o líder da revolução Cartista que em 1842 instaurou um regime autoritário que deu origem à revolta popular da Maria da Fonte¹⁷. Na primavera de 1846 todo o país se encontrava em revolta exigindo o derrube do governo de Cabral e a revolução do Minho [da Maria da Fonte] constituía-se como um pronunciamento nacional e apartidário que acabou por levar a Rainha D. Maria II a exonerar governo “cabralista”. Foi nomeado outro governo presidido pelo Duque de Palmela e os “Cabralistas” exilaram-se em Espanha. Os “setembristas”, momentaneamente vitoriosos, convocaram eleições directas para as cortes, mas na noite de 6 de Outubro, cinco dias antes da data prevista para as eleições, a rainha chamou ao paço o Duque de Palmela, obrigou-o a demitir-se e colocou à frente do governo o Duque de Saldanha, como o apoio dos “cartistas moderados”. Este golpe de Saldanha posto em prática com a colaboração da rainha, ficou conhecido pela “*Emboscada*” pela forma como foi planeado por Costa Cabral, que estava em Espanha. Para os “setembristas” este golpe foi considerado à revelia das cortes e a 9 de Outubro a Junta do Porto, presidida pelo Conde das Antas, auto-proclamou-se “*Junta Provisória do Governo Superior do Reino*” e declarou guerra ao Governo de Lisboa.

¹³ Setembrismo representava a corrente mais à esquerda do movimento liberal que derivou directamente do vintismo e que esteve no poder entre 1836 e 1842. Esta designação resultou da Revolução de Setembro de 1836 que levou ao poder esta facção liberal onde militavam nomes como Passos Manuel e Bernardo de Sá Nogueira de Figueiredo (mais tarde Marquês de Sá da Bandeira).

¹⁴ Cartismo era a facção mais conservadora do liberalismo que apoiava a Carta Constitucional de 1826. Acabaram por triunfar em 1842 e foram os grandes vencedores da guerra civil da Patuleia.

¹⁵ Golpe de inspiração cartista, contra os Setembristas, que ocorreu na noite de 4 para 5 de Novembro de 1836, em reacção à Revolução de Setembro de 1836.

¹⁶ Sublevação militar fracassada, de inspiração cartista contra o setembrismo ocorrida em Junho de 1837, liderada por Saldanha e Terceira, tentado restaurar a constituição de 1826.

¹⁷ Em 15 de Abril de 1846 teve início, no Minho (Póvoa de Lanhoso), a chamada revolta da “Maria da Fonte”, movimento popular contra o governo de Costa Cabral que se generalizou no Norte do país e foi aproveitado politicamente, pela “esquerda” liberal, os “setembristas” e pela “direita” miguelista.

Por todo o país surgiram pronunciamentos a favor da Junta do Porto, ocorreram várias sublevações populares iniciando-se a Guerra Civil da Patuleia que durou cerca de oito meses, opondo os cartistas (que tinham o apoio da rainha D. Maria II) a uma coligação que juntava setembristas e miguelistas.

No âmbito do Golpe de Estado da “*Emboscada*” chefiado pelo Marechal Duque de Saldanha em 6 de Outubro de 1846, o Visconde de Ovar foi nomeado comandante da 1ª Divisão para conter o movimento iniciado no Porto em 9 de Outubro.

Durante a Guerra civil, em Novembro de 1846 António Costa e Silva é novamente convidado para integrar o governo como Ministro interino da Guerra, voltando a declinar o convite, até que em Janeiro de 1847 quando foi mesmo chamado pela Rainha, não pode negar ser Ministro da Guerra, cargo que desempenhou entre 21 de Janeiro e 28 de Abril de 1847 durante o período da Guerra civil da Patuleia.

Após as funções de Ministro da Guerra, regressou ao exército logo no dia 1 de Maio continuando como Comandante Geral da Artilharia, cargo que ocupava quando em 6 de Junho foi promovido a Marechal de Campo.

Após duros meses de confrontos a guerra civil da patuleia terminou após a intervenção de forças militares estrangeiras (Inglaterra, Espanha e França) ao abrigo da Quádrupla Aliança, com a vitória Cartista na Convenção de Gramido em 30 de Junho de 1847.

Após a guerra civil o país entrou num novo período de domínio político “cabralista”, com o apoio da rainha, a quem o Marechal Costa e Silva se mantinha fiel e da qual veio a receber em 1849 o título de Visconde¹⁸. Nesse mesmo ano foi nomeado Par do Reino¹⁹ e em 27 de Setembro de 1852 foi promovido a Tenente General.

Faleceu em Lisboa no dia 8 de Julho de 1856 vítima de cólera morbus, no mesmo dia em que 24 anos antes, desembarcava na praia do Mindelo com a expedição liberal (8 de Julho de 1832) naquela que foi talvez a sua mais importante campanha militar.

O seu funeral no cemitério do Alto de S. João, teve honras nacionais com uma salva de 15 tiros de artilharia e três descargas de espingarda, ao qual assistiram muitas individualidades, das quais se destacava o Ministro da Guerra e da Marinha, o Duque da Terceira, que tinha sido seu comandante na referida expedição liberal de 1832.

¹⁸ Em 25 de Julho de 1849

¹⁹ Através da Carta Régia de 15 de Dezembro, D. Maria II nomeou-o Par do Reino.

A sua morte foi noticiada na Revista Militar²⁰, através de um Necrológio redigido por um oficial de artilharia, que foi seu subordinado durante 16 anos, do qual se transcrevem as seguintes linhas:

“ António da Costa e Silva, 1º Visconde de Ovar, Ministro de Estado honorário, Par do Reino, Tenente-General Comandante Geral da Artilharia, Comendador das Ordens de S. Bento de Aviz e da Conceição, Oficial da Ordem da Torre e Espada, condecorado com as medalhas portuguesa e inglesa do Comando das Batalhas de Nivelles e Orthez e com a Cruz das seis campanhas da Guerra Peninsular [...] o typo de um verdadeiro militar; corajoso e prudente, instruído e experimentado, severo e afável, mais inclinado à clemência que à punição, mas inexorável quando o bem da sociedade assim o reclama [...].”



TENENTE-GENERAL ANTÓNIO DA COSTA E SILVA, (1782-1856)

1º VISCONDE DE OVAR

²⁰ Revista Militar – Tomo VIII nº 7 de Julho de 1856.

Fontes e Bibliografia

Fontes manuscritas

Caixa 778 – Arquivo Histórico Militar :Processo individual do TGen António da Costa e Silva.

Bibliografia

BORGES, João Vieira; A Artilharia na Guerra Peninsular, Lisboa, Tribuna da História, 2009

CARVALHO, José Manuel dos Santos Dias de, *Síntese da Evolução Tática, Técnica e Organizativa do Exército Português de 1109 a 1993*. Direcção de Documentação e História Militar, Lisboa, 1993.

CHARTRAND, René; YOUNGHUSBAND, Bill, *The Portuguese Army of the Napoleonic Wars*. Vol I, Vol II, Men-At-Arms, Osprey Military, Oxford, 2000.

MARTINS, Luís Ferreira - História do Exército Português Editorial Inquérito, Lisboa, 1945.

SANTOS, Maria de Lourdes Lima, *Intelectuais Portugueses na Primeira Metade de Oitocentos*, Lisboa, Presença, 1988

SARAIVA, José Hermano; História de Portugal, Lisboa, Europa América, 3ª edição, 1993

Periódicos

Revista Militar nº 7 de Julho de 1856.

Jornal “O País” de 29 de Outubro de 1851.

Jornal “O Artilheiro” nº 16 de 1835

Revista de Artilharia nº 693-694 de Maio-Junho 1983